

Correspondente internacional no Brasil:

entrevista com Dom Phillips
do *The Washington Post*

Maria Clara Nicolau Vieira

Graduação em Jornalismo pela ECA-USP.
Mestranda em Comunicação pela ECA-USP.
E-mail: mclaranicolau@gmail.com.

Recebido: 18 ago. 2015

Aprovado: 28 out. 2015

Resumo: O jornalista britânico Dom Phillips trabalha como correspondente da publicação americana *The Washington Post* e vive no Brasil há oito anos. Nesta entrevista, Phillips revela detalhes sobre seu ofício, conta como conseguiu o posto de correspondente e fala sobre a cobertura que fez durante a Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014. A entrevista é resultado de uma pesquisa inicial desenvolvida para dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Palavras-Chave: Correspondente estrangeiro. Jornalismo internacional. Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014.

Abstract: The British journalist Dom Phillips works as foreign correspondent for the American newspaper *The Washington Post*. He has been living in Brazil for eight years. In this interview, Phillips reveals details about his occupation, talks about how he got the correspondent job and explains about the coverage that he made during 2014 FIFA World Cup Brazil. The interview is a result of an initial research for the master thesis of Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação of Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

Keywords: Foreign Correspondent. International journalism. 2014 FIFA World Cup Brazil.

Resumen: El periodista británico Don Phillips trabaja como corresponsal de la publicación estadounidense *The Washington Post* y vivió en Brasil durante ocho años. En esta entrevista, Phillips revela detalles sobre su oficio, dice cómo podría el mensaje correspondiente y habla sobre la cobertura que hicieron durante la Copa Mundial de la FIFA Brasil 2014. La entrevista es el resultado de un estudio inicial realizado para la tesis de maestría sobre el Programa Licenciado en Ciencias de la Comunicación Escola de Comunicações e Artes.

Palabras clave: Corresponsal Extranjera. Periodismo Internacional. Copa Mundial de Brasil 2014.

O jornalista britânico Dom Phillips é correspondente do jornal americano The Washington Post e também colabora eventualmente com publicações como Time, The Guardian e Observer. Desde 2007 no Brasil, ele já morou em São Paulo e, atualmente, vive no Rio de Janeiro.

A escolha de estudar este correspondente se justifica pelo fato de ele estar há bastante tempo no país – e esse período de vivência o difere de enviados especiais que chegaram “de paraquedas” ao Brasil, apenas para cobrir a Copa do Mundo. A seguir, confira entrevista na íntegra, concedida por telefone.

Desde quando você está no Brasil? Em que cidade você mora?

Estou desde 2007. Moro no Rio de Janeiro.

Como surgiu a oportunidade de ser correspondente internacional no Brasil?

Na verdade, foi uma combinação de fatores. Vim pela primeira vez em 1997, a trabalho, para outro tipo de jornalismo. Voltei várias vezes, de trabalho e de férias. Em 2007, mudei para Brasil para trabalhar para uma revista, mas, no mesmo tempo, escrevi um livro sobre a história de DJs na Inglaterra, na época em que fui editor de uma revista nessa área, que se chama *Mixmag*. O livro, *Superstar DJs Here We Go*, foi publicado em 2009, na editora Ebury/Random House. Em 2008, comecei a escrever para o jornal britânico *The Times* como o seu correspondente aqui.

Então você veio por conta própria, a princípio?

Exatamente. Ninguém me mandou. Não foi isso.

Por que você escolheu o Brasil?

Na década de 1980, eu trabalhava como cozinheiro em um restaurante em Londres e fiz amizade com um funcionário brasileiro. Ele me passou uma fita cassete com várias músicas brasileiras. Desde então, eu tenho um fascínio pelo Brasil, vamos dizer assim.

Em 1997, fui para São Paulo. Eu trabalhava, na época, em uma revista de música, em Londres. Em São Paulo, conheci um cara, ficamos amigos e conheci os amigos dele. Fomos a baladas, desfile de moda, restaurantes, clube de forró... Eu fiquei muito fascinado. Fiquei deslumbrado com toda essa mistura, e assustado também com a possibilidade de violência que há no país, mas fiquei muito fascinado.

Você hoje escreve principalmente para jornal?

Sim, para o *The Washington Post*. Já trabalhei para *Bloomberg*, *The Sunday Times*, a revista feminina inglesa *Grazia*, a revista americana *People*, o *Financial Times*, muita coisa.

Você é freelancer do *The Washington Post*?

Eu tenho um contrato com o jornal. Mas também faço outros frilas.

Como foi para conseguir esse contrato? Você já estava aqui e ofereceu o seu trabalho?

Eu fui indicado para me candidatar à vaga. Em janeiro de 2014, uma colega minha falou que o *The Washington Post* estava buscando um correspondente no Brasil e me perguntou se eu me interessaria e se poderia passar os meus contatos para o posto de Foreign Editor. Entrei no processo e passei. A maioria do meu tempo eu trabalho para eles. Quando me candidatei, eu estava no Brasil trabalhando para uma agência de notícias de energia, que se chama *Platts*. É como se fosse uma Reuters. Eu era o correspondente principal deles no Brasil, fazendo cobertura no setor de energia, principalmente sobre petróleo.

Antes disso, trabalhei como repórter no Brasil para o *The Times* por alguns anos trabalhei e, depois de mudar de São Paulo para o Rio de Janeiro em 2012, trabalhei para

o *The Guardian*. O *The Guardian* tem um correspondente fixo para toda a América Latina e eu o cobria quando ele viajava.

É o jornal que te pauta ou você se pauta sozinho?

Sou mais eu que me pauto. Eu sugiro pautas para eles o tempo todo. O *The Washington Post* pega notícias, mas do dia e dia da agência *Associated Press*. O correspondente faz coisas maiores – por exemplo, as eleições, o 7x1 da Alemanha na Copa, os problemas na economia ou a crise política, o enterro do Eduardo Campos... Eu fiz todas essas.

No jornalismo inglês ou americano a gente calcula o tamanho das matérias em palavras, não em caracteres. Eles me pedem: “faça uma matéria de mil palavras”, por exemplo. A gente usa esse tipo de conta. Quando eu trabalhava no *The Times*, uma matéria geralmente era feita com 600 palavras. No *The Washington Post* é mais do que mil palavras.

Você tem um número mínimo de matérias que devem ser entregues por semana ou por mês?

Eu tenho uma meta, mas prefiro não divulgar, porque é uma coisa de interesse comercial do jornal.

Como foi cobrir a Copa?

Eu acho que, entre os veículos internacionais, houve muito medo e expectativa de protestos e violência. Mas isso não rolou. Tudo correu muito bem, foi um sucesso no sentido do evento em si. Não digo sobre o legado depois da Copa. Mas no evento em si não tiveram muitos problemas. Aconteceram alguns protestos, mas não muitos. Tinham outros jornalistas americanos do *The Washington Post* aqui, mas eles cobriam mais a parte do esporte. Eu estava fazendo outras coisas. Pensei que seria importante os leitores do jornal saberem como as pessoas do país estavam recebendo a Copa, como era a reação das pessoas daqui. Acabei fazendo um monte de matérias.

Um repórter que estava aqui também teve algumas ideias e fizemos alguns trabalhos juntos. Eu já havia trabalhado antes para uma revista inglesa de futebol, chamada *FourFourTwo*. Eu já tinha escrito sobre futebol, então fiz um perfil do Neymar para o *Post* por exemplo. Foi uma cobertura fora do campo.

Quais são os maiores desafios ou dificuldades de ser um correspondente no Brasil?

Aqui no Brasil é muito devagar. As coisas acontecem no ritmo em que elas acontecem. E isso dificulta um pouco, às vezes. A comunicação é mais confusa. Você precisa buscar informações em muitos lugares. É muito diferente de quando, por exemplo, o FBI prendeu um monte de gerente da FIFA: foi muito fácil achar todas as informações do caso com a polícia da Suíça. Se fizer uma comparação, quando uma coisa dessas acontece no Brasil, é preciso gastar muito tempo procurando alguma informação. Você tem que buscar tudo o que está em volta... É um caminho bem longo. É preciso ler documento de 50 ou 60 páginas, lidar com a burocracia. Isso é complicado e demora muito. Você fala com um assessor de imprensa de um Ministério, fala com uma pessoa que vai te passar para outra, que passa para outra. Às vezes, você poderia enfrentar questões de segurança, por exemplo, para fazer matéria no meio de um protesto.

A opinião pública também está muito polarizada sobre algumas questões nos últimos anos. Muitas vezes, ao invés de discutir um assunto, a imprensa fica apenas repetindo fatos. Os blogs só retem ou republicam. Às vezes eu tinha que cobrir um assunto muito quente, mas não havia opiniões. Um exemplo é a questão da maioria penal: muita gente falando sobre o assunto, mas poucos argumentos formados. As pessoas no Facebook só diziam “é bom” ou “é ruim”, mas não vejo muitos argumentos e debate. Mas em geral as pessoas aqui são muitas abertas e falam com jornalista, e isso acho muito legal. É um país muito sociável, em todos os níveis de sociedade, pelo menos essa tem sido a minha experiência.

Você pretende continuar no Brasil para cobrir as Olimpíadas de 2016?

Eu espero fazer isso, sim.